



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

iBbY

Notícias 3

Nº.3 Vol. 26 – Março de 2004

FNLIJ na Feira de Bolonha

Há 30 anos, a FNLIJ apresenta a literatura brasileira para crianças e jovens na maior feira de livros infantis do mundo!

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, desde 1974, apresenta a literatura brasileira para crianças e jovens na Feira de Livros Infantis de Bolonha – *Fiera del Libro per Ragazzi di Bologna* – que acontece na cidade de Bolonha, na Itália. Para este grande evento mundial, a FNLIJ seleciona os melhores livros da produção editorial brasileira, do ano anterior, que são publicados em um Catálogo, em inglês. Dessa forma, escritores, ilustradores e editores brasileiros, ao longo desses 30 anos, tiveram a oportunidade de ter suas obras divulgadas na maior feira de livros infantis do mundo.

No Brasil, mais do que nunca, se fala na “exportação do produto nacional”, tanto na área econômica, quanto na cultural. A FNLIJ, há 30 anos, investe na proposta de levar a nossa literatura para crianças e jovens para além das fronteiras do país, participando dos maiores eventos internacionais de literatura infantil e juvenil. E, por meio dos livros de literatura, a visão de mundo de escritores e ilustradores brasileiros, os valores de nossa gente, os fatos de nossa história, a riqueza do idioma nacional e o nosso universo imaginá-

rio também estão sendo levados para os pequenos e jovens leitores de diferentes países e de diversas etnias.

Em 2004, a FNLIJ completa 30 anos apresentando, no exterior, a produção cultural literária criada para nossas crianças e jovens. E, neste ano, também comemoramos os 30 anos do Prêmio FNLIJ. Ao longo dessas três décadas, a maior de nossas conquistas foi o reconhecimento nacional e internacional da qualidade da produção editorial brasileira de livros de literatura infantil e juvenil. A vitória de autores indicados pela FNLIJ ao Prêmio Andersen – as escritoras Lygia Bojunga, em 1982, e Ana Maria Machado, em 2000 – é um dos mais expressivos resultados dessa trajetória de lutas e de sucessos. Portanto, não é por coincidência que, em 2004, estamos comemorando os 30 anos de participação da FNLIJ na Feira de Bolonha e os 30 anos do Prêmio FNLIJ.

(continua na página 2)

BOLOGNA
CHILDREN'S
BOOK
FAIR



Década dos
Povos Indígenas

3

Entrevista com o escritor
indígena Daniel Munduruku

5

Conheça os livros de
literatura para
crianças e jovens dos
escritores indígenas!

Mais uma vez, a presença da FNLIJ na Feira de Bolonha conta com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional/MinC, da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Essas são as editoras que participarão do estande da FNLIJ (confirmadas até a data desta edição): Ática, Biruta, Cia. das Letrinhas, FTD/Quinteto, Global, Globo, Manati, Martins Fontes, Melhoramentos, Mercuryo Jovem, Miguilim, Rocco, Scipione.

Em sua 41ª edição, a Feira de Bolonha será rea-



Angela Lago

lizada de 15 a 18 de abril. Durante a Feira, acontecem diversos eventos muito significativos para todos que se dedicam à LIJ, entre eles o esperado anúncio dos vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen/2004, durante a Conferência de Imprensa do IBBY. Estamos torcendo por nossos candidatos: o escritor Joel Rufino dos Santos e a ilustradora Angela Lago.

Joel Rufino



O Catálogo da FNLIJ para a Feira de Bolonha/2004

O Catálogo da FNLIJ para a Feira de Bolonha/2004 apresenta 126 livros de 43 editoras. São ao todo 114 escritores e 80 ilustradores. Os livros estão agrupados em 7 categorias: criança, jovem, informativo, poesia, teatro, teórico e conto. Como nos anos anteriores, várias editoras colaboraram na produção do Catálogo: editora Ática (versão para o inglês), editora Nova Fronteira (diagramação), Cia. Suzano (papel) e editora Global (impressão).

Na apresentação do Catálogo da FNLIJ para 2004, a secretária geral Elizabeth Serra comenta sobre o pioneirismo da bibliotecária, Ruth Villela de Souza, uma das três fundadoras da nossa instituição que, vencendo todos os desafios, organizou a participação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil na Feira de Bolonha, em 1974. A partir

daí, a FNLIJ esteve presente em todas as edições do evento, somente não comparecendo em 1989.

Neste ano de 2004 – o último da Década dos Povos Indígenas declarada pela UNESCO em 1995 – o Catálogo de Bolonha homenageia os autores indígenas que escrevem para crianças e jovens, especialmente Daniel Munduruku. A proposta da FNLIJ é possibilitar que leitores de diferentes países e de diversas etnias conheçam as histórias contadas pelos escritores indígenas brasileiros: uma escrita inteiramente nova, que revela as muitas faces de nosso país multicultural. Daniel Munduruku também participará da Feira de Bolonha e seus livros, juntamente com os de outros autores indígenas nacionais, serão mostrados no estande da FNLIJ.



Daniel Munduruku

A 18ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontecerá de 15 a 25 de abril de 2004, no Centro de Exposições Imigrantes, já vem movimentando o mercado editorial. Com o slogan "A Bienal dos 450 Anos", o evento está incluído no calendário de comemoração dos 450 anos de São Paulo e promete tornar-se um marco como programação cultural da cidade. Aguarde mais informações no próximo Notícias!

Década dos Povos Indígenas

FNLIJ propõe reflexões e debates sobre a questão indígena no Brasil

A FNLIJ, por meio de palestras, cursos, seminários e publicações, tem procurado refletir sobre como a literatura para crianças e jovens está sendo tratada e considerada nas escolas brasileiras, ressaltando a importância da leitura, em especial da leitura literária, na formação de nossas crianças e jovens.

A produção brasileira do setor tem se caracterizado, desde Monteiro Lobato, por sua originalidade e pioneirismo. Neste ano de 2004, em que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil comemora 30 anos do Prêmio FNLIJ e de sua presença na Feira de Bolonha, nosso foco vai para a literatura para crianças e jovens produzida por autores indígenas, que carrega as mesmas marcas – originalidade, criatividade, expressividade, ludicidade e tantas outras – presentes nas obras dos outros autores brasileiros que se dedicam a esse segmento tão expressivo do nosso mercado editorial.

O ano de 2004 também é uma data importante para os índios brasileiros. Trata-se do último ano da Década dos Povos Indígenas, decretada pela UNESCO. Embora ainda sejam necessários muitos esforços para que sejam respeitados, na prática, os direitos dos povos indígenas, as di-

versas organizações que existem nas aldeias, representativas das diferentes etnias, sem dúvida, já conseguem chamar a atenção de todo o mundo para a questão indígena no Brasil.

Assim, os escritores indígenas de literatura para crianças e jovens são os nossos homenageados na Feira de Bolonha, com a exposição de seus livros e com o Catálogo FNLIJ. Ao mesmo tempo, estamos, junto com esses escritores, convocando os educadores brasileiros para conhecer as histórias dos índios contadas por eles mesmos, em diversas ações que desenvolveremos ao longo deste ano.

A temática indígena mais do que nunca deve estar presente na sala de aula. A escola e a família não podem deixar de se engajar nesta luta pela valorização da pluralidade étnica e cultural do povo brasileiro. É essencial que crianças e jovens de hoje conheçam a riqueza cultural das sociedades indígenas, transmitida de geração a geração através da oralidade. E o ano de 2004 é bastante significativo para trazer estes e outros temas tão significativos para o debate em nossas escolas, por ser o último ano da Década dos Povos Indígenas.

Para tanto, apresentamos, neste *Notícias*, a entrevista com o escritor indígena Daniel Munduruku, feita pelo escritor e jornalista Márcio Vassallo. Nossos leitores e, em especial, os professores podem conhecer, nessa entrevista, as idéias desse escritor, que conseguiu superar os preconceitos que ainda existem em nosso país em relação às sociedades indígenas, um estigma legado pelo longo período de colonização, durante o qual os índios foram vítimas de um violento processo de dominação e de negação de sua cultura. Trazemos também, como sugestões de leitura, uma relação de livros de LIJ deste autor e de outros escritores indígenas.

E os livros de literatura infantil e juvenil de autores indígenas são um excelente ponto de partida para trazer estes temas para debate com toda a comunidade escolar.

A relação de livros que aqui apresentamos visa suscitar a leitura dos mesmos nas escolas, casas e bibliotecas. Esse compromisso da FNLIJ com a produção cultural de nossos escritores indígenas dirigida a crianças e jovens, que já estava presente em outros *Notícias*, ganha a partir de agora um significado especial, pois estamos convocando também os professores para se engajarem conosco nessa proposta.

A Constituição Federal brasileira de 1988, considerada uma das mais avançadas do mundo, promulga, em seu Título VIII, Capítulo VIII, os Direitos dos povos indígenas de nosso país. Transcrevemos aqui o texto oficial. Na página 9, leia os nossos comentários sobre esse tema.

Constituição Federal de 1988

TÍTULO VIII – Da Ordem Social

CAPÍTULO VIII – Dos Índios

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1.º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2.º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusi-

vo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3.º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4.º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5.º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, *ad referendum* do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno ime-

diato logo que cesse o risco.

§ 6.º São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito a indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa-fé.

§ 7.º Não se aplica às terras indígenas o disposto no art. 174, §§ 3.º e 4.º.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Livros de literatura para crianças e jovens de escritores indígenas

Daniel Munduruku – Bibliografia selecionada

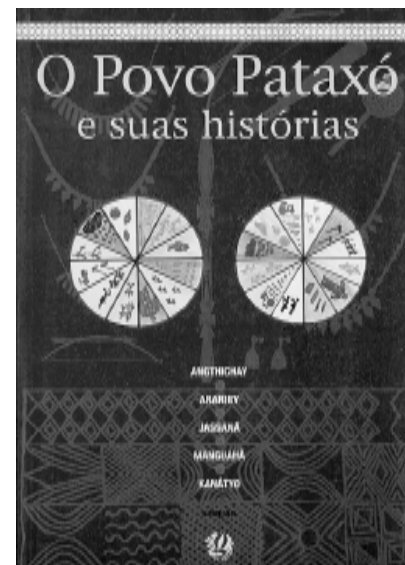
- **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos.** Daniel Munduruku. Il. Crianças Munduruku da aldeia Katõ. São Paulo: Peirópolis, 2001. 56 p. (Col. Memórias Ancestrais: Povo Munduruku)
- **Coisas de Índio.** Daniel Munduruku. Il. Vários ilustradores. Projeto gráfico de Néelson de Oliveira. São Paulo: Callis, 2000. 96 p. – *Altamente Recomendável, da FNLIJ, na categoria Livro Informativo, em 2000.*
- **Coisas de Índio: versão infantil.** Daniel Munduruku. Il. Camila Mesquita. São Paulo: Callis, 2003. 54 p.
- **Histórias de índio.** Daniel Munduruku. Il. Laurabeatriz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996. 72 p.
- **Kabá darebu.** Daniel Munduruku. Il. Maté. São Paulo: Brinque-Book, 2002. 28 p.
- **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória.** Daniel Munduruku. Il. Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel,

2001. 40 p. – *Menção Honrosa no Prêmio Tolerância, da UNESCO, em 2003.*

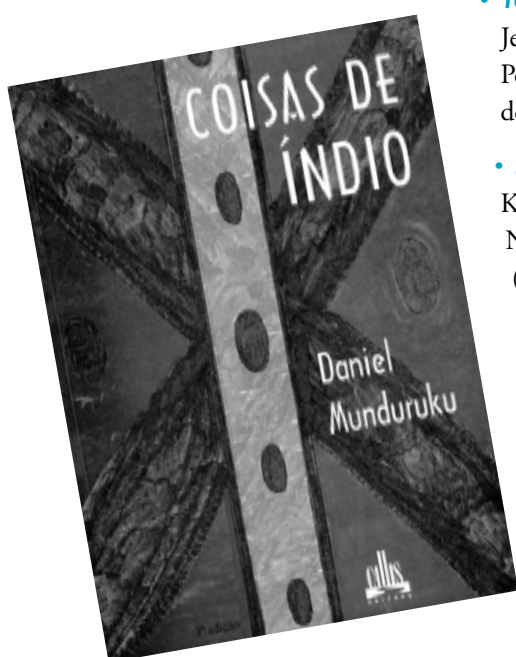
- **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira.** Daniel Munduruku. Heloisa Prieto (org.). São Paulo: Angra, 2000. 126 p. (Coleção jovem, século 21)
- **O segredo da chuva.** Daniel Munduruku. Il. Marilda Castanha. São Paulo: Ática, 2003. 62 p.
- **O sinal do pajé.** Daniel Munduruku. Il. Marilda Castanha. São Paulo: Peirópolis, 2003. 62 p.
- **Você lembra, pai?** Daniel Munduruku. Il. Rogério Borges. São Paulo: Global, 2003. n.p.

Autores indígenas de literatura para crianças e jovens – Bibliografia selecionada

- **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio.** Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis, 2003. 120 p.
- **Iarandu: o cão falante.** Olívio Jekupé. Il. Olavo Ricardo. São Paulo: Peirópolis, 2002. 32 p. (Coleção Palavra de Índio)
- **Irakisu: o menino criador.** René Kithâulu. Il. René Kithâulu; crianças Nambikwara. Daniel Munduruku (coord.). São Paulo: Peirópolis, 2002. 46 p. (Coleção memórias ancestrais. Povo Nambikwara)
- **O livro das árvores.** Jussara Gomes Gruber (org.). Vários ilustradores. Benjamim Constant (AM) Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües, 1997. 96 p.



- **O povo Pataxó e suas histórias.** Angthichay Pataxó. (Vanusa Braz da Conceição) et al. Il. Arariby Pataxó (Antonio A. Silva); Manguadã Pataxó (Valmores Conceição Silva). São Paulo: Global, 1997. 48p.
- **Tupã Tenondé.** Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis, 2003. 120 p.
- **Txopai e Itôhã história contada por Apinhaera Pataxó.** Kanátyo Pataxó. Il. Kanátyo Ptaxó. Belo Horizonte: Formato, 2000. 24 p.
- **Puratig: o remo sagrado.** Yaguarê Yamã. Il. Yaguarê Yamã; crianças Satarê Mawé; Queila da Glória. Daniel Munduruku (coord.). São Paulo: Peirópolis, 2001. 46 p. (Coleção memórias ancestrais. Povo Saterê Mawé)
- **Verá: o contador de histórias.** Olívio Jekupé. Il. crianças Guarani. Daniel Munduruku (coord.). São Paulo: Peirópolis, 2003. 46 p. (Coleção memórias ancestrais. Povo Guarani)
- **Xerekó Arandu: a morte de Kretá.** Olívio Jekupé. Il. Maté. São Paulo: Peirópolis, 2002. 56 p. (Coleção Palavra de Índio)



Como já dissemos, o *Catálogo de Bolonha da FNLIJ*, em 2004, homenageia os autores indígenas que escrevem para crianças e jovens. E para falar sobre essa riquíssima produção cultural, o jornalista e escritor Márcio Vassallo, a convite da FNLIJ e com apoio da editora Global, entrevistou o escritor indígena Daniel Munduruku, que em 2003 recebeu a Menção Honrosa do Prêmio de Literatura para Crianças e Jovens, concedido pela Unesco, por seu livro *Meu Vô Apolinário – Um mergulho no rio da (minha) memória*, editado pela Studio Nobel, em 2001, com ilustrações de Rogério Borges. Além desse prêmio, Daniel Munduruku também recebeu, em julho do ano passado, o Prêmio Érico Vannucci, concedido pelo CNPq, pelo Mi-

nistério da Cultura (MinC) e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que visa homenagear pessoas que tenham realizado estudos e pesquisas sobre a cultura brasileira, no sentido da preservação da memória cultural das minorias étnicas e sociais.

Daniel Munduruku é originário de Belém, estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e sempre trabalhou contando histórias nas escolas não-indígenas, levando para as crianças e jovens da cidade um pouco do modo de vida de seu povo. As instigantes perguntas do jornalista Márcio Vassallo revelam a cativante personalidade deste escritor, que também é professor da Fundação Peirópolis e coordenador das publicações da editora Palavra de Índio.

Com um arco de puxar pensamentos

O escritor Daniel Munduruku mostra a sua paixão pelos mitos indígenas, fala sobre a importância da literatura infantil na quebra de estereótipos e diz que escrever é confessar os próprios sonhos.

Márcio Vassallo

Márcio Vassallo: No livro *Coisas de Índio*, publicado pela editora Callis, você escreve: “Para alguns índios, a palavra é como um pássaro que, quando é libertado, ninguém mais consegue prender.” O que mais dá asas à palavra?

Daniel Munduruku: O povo indígena é essencialmente de tradição oral. A palavra é utilizada no cotidiano para ensinar, admoestar, contar e cantar os feitos maravilhosos dos heróis ancestrais. O passado, o presente e o futuro estão centralizados numa única palavra. Mas palavra não é apenas o som que emitimos e que nos vangloriamos de sermos possuidores. Palavras também são os sons da natureza, são os sons do silêncio. Palavras são também o que não dizemos, o que calamos. Eu acho que os silêncios que faço em meus textos são mais eloqüentes que as palavras que escrevo. Neles moram o encantamento, porque trazem ao universo do excesso de palavras da cidade aquilo que é vivo no coração da floresta. Essa palavra silenciosa dá outras asas às palavras.

M.V.: Outro pensamento seu: “As palavras sempre trazem um significado escondido dentro delas.” Acima de tudo, quan-

do escreve, o que é fundamental para você achar esse significado?

D.M.: Escrevo o que me é ditado pelos meus ancestrais. É, me sinto um pouco conduzido pelas palavras que eles vão me passando. Sei que parece estranho para as pessoas quando lhes confidencio isso, mas também não me importo muito, porque há um saber que vai além da compreensão delas. Nesse sentido, as crianças são muito mais sensíveis e normalmente chegam ao cerne do que desejo passar quando escrevo. Na tradição de minha gente, as crianças são ainda seres encantados, vivendo a passagem entre os mundos. A elas é dada a participação em todas as ações de nossa comunidade, para que se acostumem ao universo que viverão, sem que deixem de acreditar no mundo do qual saíram. Isso também vale para as crianças da cidade. Infelizmente, as pessoas adultas das cidades não conseguem compreender esse saber e acabam fazendo as crianças se enterrarem em atividades que não lhes servirão para nada. O que escrevo precisa ser lido com o coração. É aí que moram os significados e os sentidos ocultos das palavras.

M.V.: Será que todo significado existe

para ser achado? Será que tem achado sem significado?

D.M.: No mundo do qual venho não precisamos procurar nada, porque as coisas já existem por si mesmas e têm vida e alma próprias. Precisamos apenas saber conviver com elas, de tal modo que nossa vida e a delas tenham sentido. A isso tenho chamado de “saber circular”, ou holístico. Não somos donos da teia da vida, apenas de um dos seus fios. Quem busca significado nas coisas acaba entrando em crise. Basta olhar para a civilização ocidental.

M.V.: O seu livro *Meu Vô Apolinário* (lançado pela Studio Nobel, com ilustrações de Rogério Borges) recebeu Menção Honrosa no Prêmio de Literatura para Crianças e Jovens de 2003 da UNESCO. Para você, o que é mais significativo e mais emocionante nessa premiação?

D.M.: O mais significativo é o fato de saber que a mensagem que o livro traz é universal. E o mais emocionante é ver que o Saber do meu povo é capaz de comover o espírito das pessoas de todo o mundo. E ainda mais comovente é saber que o mundo reconheceu isso.

M.V.: Você está indo a Feira do Livro de Bolonha, na Itália, pela primeira vez, patrocinado pela editora Global e com apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O que é mais precioso e mais lhe entusiasma em Bolonha?

D.M.: Bem, eu me considero um autor recente e o fato de a FNLIJ reconhecer o meu esforço na divulgação da cultura indígena brasileira me enche de orgulho e entusiasmo. O reconhecimento é sempre uma boa alavanca para novos saltos e acho que isso eu tenho tido graças ao incentivo da FNLIJ.

M.V.: E o patrocínio da Global?

D.M.: Também fico muito feliz com esse grande incentivo da editora Global. Aliás, a Global tem sido uma bela parceira e está apostando mais do que nunca no meu trabalho. Temos muitos projetos pela frente. Um deles é a organização de uma coleção de autores indígenas voltada para o público universitário. Será uma reunião de teses e pensamentos intelectuais dos povos indígenas. Acho que mostrar esse outro lado dos índios é um projeto bem importante. Não é de hoje que a Global tem investido na edição de temáticas indígenas, sempre com muita propriedade. E agora a editora patrocina a minha ida a Bolonha. Há de ser uma experiência muito gratificante. Penso que é mais uma oportunidade de mostrar que nosso Brasil é formado por muitos povos e que essa sociodiversidade nativa é rica em sabedoria, em criatividade, em desejos, em projetos, em livros. E mais impor-

tante: somos orgulhosos de fazermos parte desta grande Nação. É essa mensagem que vou levar para Bolonha. Ah, e também vou falar das dificuldades por que passam os povos indígenas daqui.

M.V.: Por falar em dificuldades, a FNLIJ atendeu um pedido da Associação de Leitura do Brasil para doar livros infantis e juvenis a escolas indígenas de diferentes regiões do país. Na sua opinião, qual a grande importância dessa iniciativa?

D.M.: Os povos indígenas vivem situações muito delicadas com relação ao contato com a sociedade brasileira. Algumas áreas ficam totalmente isoladas e outras enfrentam problemas da urbanização, o que provoca dificuldades para a qualidade de vida de muitas aldeias. Quando penso na minha própria experiência na cidade e na aldeia, me angustio com o futuro que aguarda nossas crianças. Elas estão crescendo sem os referenciais culturais de seus antepassados. Em muitas aldeias, os velhos já não conseguem chamar seus netos para sentarem ao redor do fogo, para lhes contar as histórias de antigamente. Estão perdendo a vez para o fogo quadrado da televisão. E isso é tão terrível quanto traduzir a bíblia para a língua indígena e considerar isso como leitura escolar! Sei que realmente é de muita boa vontade doar livros infantis e juvenis para as aldeias, mas a questão é saber quem vai lê-los. Conheço dezenas de experiências fracassadas e também interessantes histórias sobre livros nas aldeias. Livro é corpo estranho, se for doado sem uma preocupação anterior de formar os leitores. Mas acredito que deve ser uma preocupação da FNLIJ e da ALB propor políticas de leituras também para e com os povos indígenas. Isso dará maior importância para a iniciativa da doação e trará, ao menos no meu caso, maior esperança para o futuro de nossas crianças que terão, nos livros e na leitura, a possibilidade de recuperar a sua própria consciência ancestral.

M.V.: Como você avalia o trabalho da FNLIJ?

D.M.: Acho o trabalho da Fundação fantástico. Mesmo. Um trabalho teimoso e consis-

tente. Acho que a FNLIJ tem sido maior que o Brasil em seu trabalho braçal de mostrar, de forma coerente e decisiva, o melhor da nossa produção editorial.

M.V.: O Salão do Livro para Crianças e Jovens é organizado pela FNLIJ, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, com patrocínio da PETROBRAS DISTRIBUIDORA. Em que sentido esse evento é mais importante para a formação de leitores no país?

D.M.: Já dizia um antigo sábio: “É lendo que a gente aprende a ler”. O Brasil precisa aprender a ler e eu acho que o salão é como um grande livro em que o país vai aprender a ler. O Salão é de extrema importância para a formação de leitores, porque proporciona o contato direto do nosso povo com a leitura e não apenas com a leitura formal do livro, mas com os silêncios que existem entre os estandes que separam um livro do outro.

M.V.: Mais do que eventos literários bem-sucedidos e bibliotecas dinamizadas, com belos acervos, precisamos capacitar cada vez mais os professores e profissionais que trabalham nesses espaços, oferecendo a eles cursos, palestras, oficinas de leitura e literatura. As comunidades indígenas têm participado desse tipo de iniciativa?

D.M.: Infelizmente as comunidades indígenas não têm sido lembradas para muita coisa a não ser apresentações culturais. Recentemente estive em uma aldeia de um povo em Tocantins. Eles acabaram de ganhar uma escola maravilhosa construída em moldes tradicionais. Surpresa maior eu tive quando fui até a sala dos professores e vi que tinham chegado mais de 300 títulos para os docentes. Fiquei boquiaberto. Na realidade, fiquei ainda mais boquiaberto quando notei que os professores nem olharam para esses títulos. Então, folheei alguns e vi que eram todos muito técnicos e sem nenhuma relação direta com a vida deles. E fiquei ainda mais convencido de que há muita coisa a ser feita na sociedade brasileira para que ela entenda melhor nossos povos e suas reais demandas. Foi quando tive a idéia de trocar aqueles livros todos por alguns cachos de banana.

M.V.: Nesse sentido, você costuma dizer que a realidade indígena é muito rica



e muito pouco compreendida pelas pessoas. Em que aspectos essa incompreensão é mais perigosa na formação das crianças?

D.M.: O risco sempre constante é da generalização. Ensina-se muito mal as crianças da cidade, especialmente a temática indígena. Elas acabam achando que os índios são todos iguais e que não existe uma grande diversidade cultural. À medida que essa diversidade cultural e lingüística for mais bem compreendida, as pessoas entenderão cada vez mais as razões de nossa gente e poderão propor coisas novas, dinâmicas e, sobretudo, respeitadas. As crianças, de fato, são importantes na continuação de uma mentalidade, e o que elas aprendem — e se não for verdadeiro — farão quando chegar seu tempo de administrar. Isso me deixou um pouco temeroso.

M.V.: Você diz que, quando menino, sentia raiva de ser índio por causa do preconceito dos outros garotos no colégio. Esse preconceito também existia em você? A literatura infantil vem mudando essa visão estereotipada em relação aos índios, nas escolas, nas famílias, nas próprias aldeias brasileiras?

D.M.: A literatura é muito importante nessa tarefa de introjetar valores nas pessoas, sobretudo nas crianças. E do mesmo jeito que ela fez no passado — criando estereótipos e imagens equivocadas — pode fazer no presente, criando uma imagem positiva, verdadeira, real nas crianças e jovens. E isso ela tem feito, é preciso que se diga. Há 30 anos o que líamos era vexatório. Hoje — guardadas algumas raras exceções — os textos produzidos sobre os povos indígenas são muito melhores. E mais interessante ainda é o fato de alguns indígenas estarem escrevendo suas histórias, abrindo um novo horizonte e inaugurando uma recém-fundada literatura nativa brasileira.

M.V.: De que modo a literatura infantil e juvenil tem entrado nas comunidades indígenas e mexido com o coração dos índios brasileiros?

D.M.: Não se pode dizer que a literatura infantil e juvenil realmente entrou nas aldeias. No entanto, o pouco que passou a fazer parte do cotidiano indígena está sendo muito emocionante, porque mu-



tos jovens começam a desabrochar como leitores. Isso tem alimentado neles o desejo profundo de contarem as histórias de sua gente. Recordo um dia em que cheguei a uma aldeia Paresi no Mato Grosso, por exemplo, e toda a comunidade fez questão de ir conhecer o parente escritor do qual já haviam ouvido falar. Alguns traziam meus livros nas mãos e apontavam minha foto. Achei aquilo simplesmente maravilhoso. Foi um profundo empurrão para mim.

M.V.: *Meu Vô Apolinário* é um livro em que você fala sobre a paixão de buscar histórias na fundura de cada um: “Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolva. Aí eles se mostram.” O que mais atrai você para o fundo de uma história, para o fundo de uma memória, para o fundo de uma personagem?

D.M.: Gosto de histórias biográficas, porque trazem a memória à tona. Nelas, as personagens falam de si mesmas enquanto falam para quem as lê. Acho que, no fundo, todos os meus livros são biográficos. Eles traçam o perfil de uma memória coletiva contada por todo um povo.

M.V.: Em *As serpentes que roubaram a noite* (editora Peirópolis), você conta que os Munduruku formavam um povo muito poderoso e guerreiro. “Sua fama de caçadores de cabeça corria por todo o estado do Pará e do Mato Grosso. O ruído que faziam com os pés quando saíam em grupo para expedições de caça e pesca, ou para a guerra, conferiu-lhes o apelido de ‘formigas gigantes’ (tradução da palavra munduruku) que fazia tremer os inimigos (...)” Será que todo escritor é um caçador de cabeças?

D.M.: Eu diria que o escritor é aquele que oferece a própria cabeça para ser cortada. Isso exige coragem. Ser escritor é ser confessor dos próprios sonhos.

M.V.: Ilustrado por Marilda Castanha, o seu *Segredo da chuva* (editora Ática) é um livro de ficção no qual você reproduz o ritmo de uma narrativa mítica. Você conta que usou alguns mitos do seu povo para passar a idéia de veracidade ao texto. Na sua opinião, que outros fatores dão realmente veracidade a um texto literário?

D.M.: Pesquisa, conhecimento sobre o tema que se quer abordar e um bom estilo narrativo.

M.V.: O que realmente é mais apaixonante e mais provocante nos mitos indígenas?

D.M.: O fato de serem histórias verdadeiras e não construções literárias. Muitas vezes, escritores famosos quiseram mudar os conteúdos dos mitos para fazerem um final feliz ou dar uma lição de moralidade aos leitores. Os mitos não costumam amenizar os seus próprios finais. Nesse sentido, eles são de difícil compreensão às pessoas não acostumadas a esse ritmo narrativo. Vale reafirmar que, para os povos indígenas, não existe folclore e as coisas realmente são reais e vivas.

M.V.: No seu livro *O banquete dos deuses* (Editora Angra) você conta que entre os índios que conheceu os presentes são usados assim que recebidos: “Sabem por quê? Porque presente não se usa no futuro: é vivido com empolgação quando está estruturado, enredado pela teia da história e da ancestralidade das pessoas ou dos po-

vos.” Que tipo de leitura é um verdadeiro presente para você?

D.M.: Gosto realmente de ler textos de memórias, porque eles me ajudam a embulhar e amarrar o presente.

M.V.: Para falar sobre o seu trabalho de escritor e também das causas indígenas, você vai muito às escolas. Até hoje muitas crianças e professores estranham a presença de um índio?

D.M.: Há muitas histórias. Algumas já contei no primeiro livro *Histórias de Índio*, editado pela Cia. das Letrinhas. Antigamente aconteciam coisas mais pitorescas como alguém me confundir com japonês ou chileno. Havia crianças que se escondiam atrás da professora ao saber que o índio ia chegar à escola. Tinha criança cheia de medo porque a professora lhe disse que o índio era canibal. E assim por diante. Hoje em dia as escolas me convidam já sabendo quem eu sou, adotando os meus livros. Houve um avanço com relação à adoção dos livros com a temática indígena, sobretudo nas escolas particulares.

M.V.: O que é mais estranho nessa situação? Afinal, o que mais dá medo, o que mais dá estranheza, o que mais afasta, o que mais embaçada o olho das pessoas diante das diferenças?

D.M.: Acho que o velho dito popular define isso: o que eu não conheço me assusta. Pode parecer estranho, mas nossas crianças são educadas para ler um mundo em preto e branco. O colorido ainda lhes ofusca os olhos. Não é culpa delas. O sistema

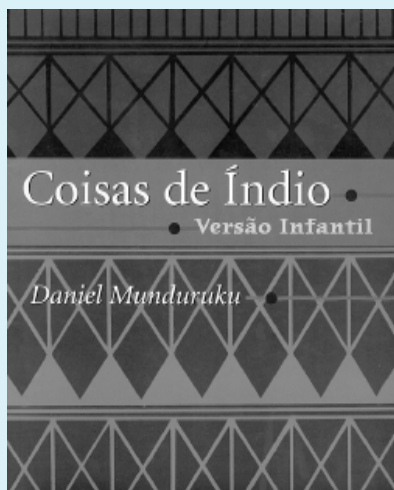
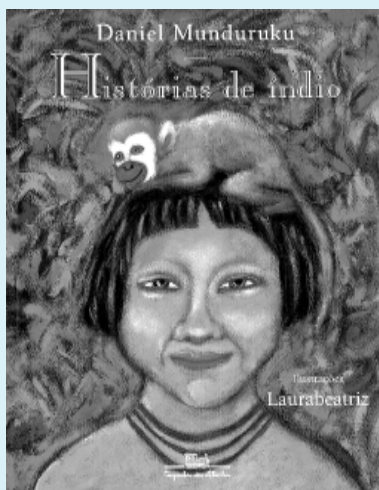
as ensina a serem desse jeito. Os professores, em geral, são os grandes culpados, porque são acomodados. Eles só sabem que o colorido existe porque alguém lhes disse. Nunca foram até lá. Não são curiosos. Quando as crianças ensaiam essa descoberta, os professores geralmente as desmotivam, dizendo que tudo não passa de uma miragem. E elas crescem desse jeito.

M.V.: Desmotivações à parte, você também planeja escrever histórias que não tenham uma temática indígena? Já passou isso pela sua cabeça?

D.M.: Olha, já passou por minha cabeça escrever livros com a temática aberta. Já pensei escrever um livro sobre o amor, sobre Deus, sobre a mulher, sobre a felicidade. Isso usando sempre os paradigmas ocidentais. Já pensei escrever histórias de outros povos, inclusive o judeu, com o objetivo de buscar o saber comum entre eles. No entanto, a temática indígena é muito ampla e sempre que tento escapar dela, alguma coisa me chama, uma inspiração, um sopro criador, uma memória, uma voz ancestral. Parece que querem me lembrar que eu preciso priorizar a nossa gente. Mas não descarto o desejo de, um dia, contar o meu lado das histórias do ocidente.

M.V.: Para você, Daniel, a literatura é um meio, é um fim, é uma margem, é um igarapé, é uma correnteza, é uma dúvida, é uma certeza, é uma flecha de chegar nas pessoas, é uma maloca de abrigar sonhos, é um arco de puxar pensamentos?

D.M.: Literatura é tudo isso junto. Sabe, sempre digo que este caminho que eu percorro não começou comigo. Ele vem de muito longe e já foi trilhado por muitos outros espíritos ancestrais. Todos esses seres eram senhores da palavra e passaram para mim a tarefa de transformá-la em literatura. Isso eu tenho procurado fazer. Sabe de uma coisa, não tenho pretensões de ser o melhor, mas faço o melhor que posso. Tenho aberto trilhas e picadas para que outros trafeguem por elas sem tropeços. Algumas dessas trilhas são melhores que outras, mas não são as únicas. Algumas têm nomes: Global, Peirópolis, Brinque Book, Callis, Salesiana, Companhia das Letrinhas, Studio Nobel, FNLIJ... Outras, silêncios.



Os direitos dos povos indígenas expressos na Constituição Federal brasileira de 1988

Ao longo de quinhentos anos, os verdadeiros donos da terra – os povos originários – foram submetidos a um processo de aculturação, e muitos perderam suas terras, sua língua e sua identidade. Em 1500, quando chegaram os navegadores europeus, aqui viviam cerca de cinco milhões de indígenas, agrupados em 1.400 povos, falando 1.300 línguas. Hoje, devido à dizimação, foram reduzidos a cerca de 206 grupos étnicos.

A Constituição Federal brasileira de 1988 traz, no Capítulo VIII, 2 artigos (231 e 232) que falam dos direitos dos povos indígenas, em especial o direito à posse da terra, à organização social, aos costumes, às línguas, às crenças e às tradições.

O Ministério da Educação, dentro dos princípios de nossa Constituição, vem colocando em prática uma política nacional de Educação Escolar Indígena, numa perspectiva intercultural e bilingüe. Dentro dessa política, diversos investimentos foram feitos na formação de professores indígenas, na produção e publicação de mate-

rial didático produzido por esses professores, nas escolas das aldeias. E essas propostas foram sistematizadas no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, que procurou oferecer subsídios e orientações para a elaboração de programas de Educação Escolar Indígena que buscassem atender aos anseios das comunidades indígenas.

As propostas do MEC voltadas para a valorização da presença indígena e para o reconhecimento dos direitos dos povos nativos, percebendo sua ampla e variada diversidade, também estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (MEC/SEF, 1997/1998), que propõem que a formação étnica e cultural da sociedade brasileira seja discutida na escola, dentro da temática da Pluralidade Cultural, um dos chamados temas transversais – ou temas sociais contemporâneos – que devem perpassar os conteúdos de todas as áreas curriculares.

Essas ações são muito importantes, pois

até recentemente a maioria dos textos dos livros didáticos do Ensino Fundamental só se referiam aos índios e aos negros africanos quando se reportavam aos períodos da colonização e da escravidão, deixando de lado a história subsequente. Com relação aos índios, sabemos que na atualidade existem cerca de 200 etnias espalhadas por todo o território nacional, mantendo mais de 70 organizações voltadas para a defesa de seus direitos. Assim como os afro-descendentes, os índios vêm superando a maneira desumana e criminosa com que foram tratados no passado, destacando-se na política e em outras atividades e conseguindo manter vivas suas tradições, sua arte, sua religiosidade, sua visão de mundo.

Também devem ser implementadas, nas nossas salas de aula, discussões que visem combater qualquer manifestação de preconceito, fazendo valer o que está presente na Constituição Federal brasileira de 1988, que considera um crime qualquer forma de discriminação racial.

Daniel Munduruku mantém um site na Internet, no qual divulga projetos especiais, como este:

Leve um índio à sua escola

- Cursos e palestras para professores: como trabalhar a questão indígena em sala de aula
- Workshops e oficinas para educadores

Para a Educação Infantil:

“O espaço da criança na comunidade indígena” (palestra interativa, dança, pintura e música)

Para o Ensino Fundamental:

“Os índios e o meio ambiente: uma relação de parceria! (palestra interativa, recheada de histórias; danças, música e pintura)

“O universo mágico do índio brasileiro” (narrativa de mitos, dança, música, tira-dúvidas)

Para o Ensino Médio:

“Ritualizando” (uma gostosa conversa sobre ritos de passagem para o Ensino Médio)

Projetos especiais:

Feira de livros, participação em eventos culturais, construção de casas indígenas para fins pedagógicos.

Passeios:

Passe um dia de índio num sítio em Itapeçerica da Serra

Visite a página:

www.danielmunduruku.com.br

e-mail:

daniel@danielmunduruku.com.br

Conheça mais sobre a Educação Indígena na página do Ministério da Educação:

www.mec.gov.br

A FNLIJ vem promovendo diversos Concursos de âmbito nacional, que visam tornar conhecidos projetos e relatos de professores, escritores e pessoas em geral que se dedicam à promoção da leitura e da literatura para crianças e jovens em nosso país.

Os textos vencedores são publicados no Notícias. Estamos divulgando, neste número, dois textos. Na pág. 10, “O duende João Vieira”, de Alberto Moby Ribeiro, um relato

real, classificado no 2º Concurso Leia comigo!, da FNLIJ. Na página 11, o projeto desenvolvido por Cláudia Regina do Nascimento, professora de Língua Portuguesa das turmas de 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental da SECM – Sociedade de Ensino de Cachoeiras de Macacu / SEPMA – Sociedade Educacional Professora Maria Antônia, classificado em 2º lugar no Concurso Nossa Leitura do 5º Salão do Livro da FNLIJ.

Texto classificado no 2º Concurso Leia comigo!, da FNLIJ – Relato real

O duende João Vieira

Alberto Moby Ribeiro da Silva¹

Mesmo agora, passados cinco anos de sua morte, ainda é muito difícil para mim descrever quem ele era e o que foi para a minha vida. Seria simples demais dizer que ele era tio da minha mãe que, por uma dessas imponderabilidades da vida, se viu na condição de, fazendo um favor à irmã, Maria, mãe da minha mãe, adotá-la como filha. Na verdade, continuo desconfiando que ele era um duende, um gnomo, um gênio e que, na verdade, tinha ao morrer muito mais do que os 92 anos de idade que dizia ter – se é que realmente morreu e não apenas encheu o saco de fingir que tivera uma filha adotiva, netos adotivos, bisnetos adotivos.

Vamos aos fatos. Chamava-se João Vieira de Mattos. Nasceu num lugarejo chamado Inhaúma, distrito de Sete Lagoas, cidadezinha a 70 quilômetros de Belo Horizonte, em 1906, tempo em que BH ainda era praticamente uma abstração e Inhaúma, um capão de mato. Aos 19 anos de idade era absolutamente analfabeto, como a quase totalidade dos moradores de Inhaúma, e nunca tinha visto luz elétrica. Decidido a viver em condições um pouco melhores que a de seus pais, decidi ir tentar a vida em Belo Horizonte – na verdade, Caeté, hoje parte da região metropolitana da capital mineira -, onde conheceu Albertina Maria da Conceição Seabra, com quem se casaria sem nunca ter beijado.

Em BH as coisas não aconteceram como era esperado. Como se não bastasse, o marido alcoólatra de uma de suas irmãs, Maria da Conceição, que tinha oito filhos, um dia saiu para comprar cigarros e nunca mais voltou. Cada um dos ir-

mãos tentou se responsabilizar por um dos oito filhos da irmã Maria. Nenhum deles, ao que parece, levou tão a sério a tarefa. Já pai de uma filha e com dificuldades de orçamento bastante grandes, mesmo assim resolveu pegar para criar a minha mãe, Eunice, que pouco tempo depois se tornaria a única filha de fato, pois a filha biológica morreria em decorrência de uma crise de crupe.

Foi sob essas condições que a família veio tentar a sorte no Rio de Janeiro, então capital federal, onde parecia haver mais oportunidades. Eram os tempos de Getúlio e da II Guerra Mundial e não foi nada fácil para um casal de matutos analfabetos com uma filha que nem filha de verdade era se estabelecer no Rio.

Foram tantos os lances dessa vida de dificuldades, suor e determinação que nem vale a pena relatar. Encontramos o casal e sua filha, já noiva, em meados dos anos 50, mudando-se do bairro de Santa Teresa, no centro da capital, para o então longínquo e isolado bairro periférico de Campo Grande, onde a família havia adquirido um modesto imóvel graças a um plano de habitação popular do Instituto de Assistência e Previdência dos Comerciantes – IAPC. Diz uma versão familiar que a verdadeira razão da mudança foi a tentativa de afastar minha mãe do noivo Jari, o homem que viria a ser meu pai, pois o namoro dos dois era considerado muito indecente. Acreditavam que a distância esfriaria a relação. Não esfriou. Mas, para a felicidade de todos, o casal asanhado acabou se casando e foi assim que eu pude estar aqui, hoje, para contar essa história.

* * *

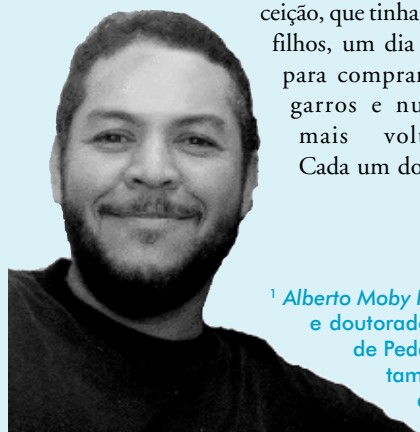
Por (muitas) razões que não vêm ao caso, parece que João Vieira e Albertina resolveram experimentar em mim uma nova chance como país, decepcionados com o resultado do projeto educacional realizado em minha mãe. Nos planos de João Vieira estava, por exemplo, a mi-

nha alfabetização antes que eu chegasse à escola. No entanto, sábio que era, não quis fazê-lo sem que antes pudesse me fazer entender a importância e o prazer da leitura. E foi aí que pude descobrir que, ao invés de “avô adotivo”, na verdade tive o privilégio de ter um mago-protetor, um anjo da guarda, um duende particular, sei lá. Vale dizer que o pouco contato que teve com a educação formal foi decorrente de um curto período como aluno do Liceu Literário Português, no centro da cidade, quando frequentou, após o horário de trabalho, o então denominado Curso Primário.

Foi assim. Um dia, não me lembro qual, quando eu tinha por volta de quatro anos, ele me apareceu com um livro. Não era um livro qualquer, era o número um da coleção de histórias infantis chamada Jóias dos Contos de Fadas, da Editora Vecchi (que eu, depois que aprendi a ler, chamava de Vexí). Imagino que, para a época, essa coleção fosse absolutamente inovadora: a capa era colorida, brilhosa e dura, à prova de menino; o formato era o que hoje chamamos de paisagem (acho que A4 deitado); era ricamente ilustrado, embora não desprezasse o texto escrito. Fiquei fascinado.

Foi assim. Nesse dia ele chegou do trabalho e depois do banho me pediu que sentasse na cama, ao seu lado, e começou a me arrastar com sua voz ao mesmo tempo firme e suave pelo mundo de Aladim e a lâmpada maravilhosa. Depois de ler toda a história, me deu o livro para folhear, ver, cheirar, acariciar, mas disse que eu tinha que devolvê-lo porque aquele tesouro pertencia a um gênio, que lhe havia emprestado o livro com a condição de que fosse devolvido no dia seguinte. Condição sem a qual, aliás, não emprestaria outros livros – se eu me interessasse, claro...

A esse mágico e maravilhoso dia se seguiram vários outros e outras histórias: a da princesa Raio de Sol; Branca de Neve e os sete anões; Nino e Rita (descobri, depois, que se tratava da versão italiana de Hansel e Gretel – ou João e Maria); a bela adormecida do bosque; o Gato de Botas e tantas outras histórias. O ritual era sempre o mesmo: a chegada do trabalho, o banho, a sessão de leitura. Às vezes, no entanto, talvez por cansaço (a viagem do centro do Rio até Campo Grande durava cerca de 2 horas – isso depois de um dia cansativo de trabalho...), ele suspendia a leitura, o que me deixava extremamente frustrado. Mas, sábio que era, ele tinha o argumento perfeito: naquela tarde não seria possível contar uma história porque o gê-



¹ Alberto Moby Ribeiro da Silva é jornalista e historiador, com mestrado e doutorado em História Social, pela UFF. É professor nos cursos de Pedagogia e de Psicologia da Universidade Estácio de Sá e também da rede pública municipal de Angra dos Reis, onde dá aulas de História e de Leiturização (para turmas do ensino regular noturno).

nio que lhe emprestava os livros havia sofrido um acidente de bonde, quebrara o pé e por isso não tinha podido ir ao encontro e, portanto, não tinha fornecido a leitura do dia.

Não sei exatamente quanto tempo durou essa viagem pelo mundo da fantasia e da leitura. (Na verdade, acho que ela ainda não acabou...) A coleção tinha apenas 25 livros, mas até hoje me sinto como se tivéssemos passado um ano ou mais nessa aventura. Quando aca-

bou de ler todos os livros, meu avô dispôs todos eles, lado a lado, cobrindo praticamente toda a cama – que minha avó havia forrado aquela tarde com sua melhor colcha – e me disse: “São seus! O gênio disse que os filhos dele já estão rapazinhos e que não se interessam mais pelos livros. Como eu disse a ele que você gostou muito dos livros e que está aprendendo a ler, ele achou que seria melhor os livros ficarem com você.”

Foi nesses livros, não numa cartilha, não na escola, que eu aprendi a ler, alfabetizado por esse ser mágico que se dizia chamar João Vieira de Mattos, nascido no dia 23 de junho de 1906 em Inhaúma, Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. Na verdade, na verdade, acho que ele nasceu foi nos bosques da Escócia nos tempos dos duendes ou que veio de Bagdá dos tempos das mil e uma noites. Você não acredita? Pois esta é a minha versão. Quem quiser que conte outra.

2º lugar no Concurso Nossa Leitura do 5º Salão do Livro da FNLIJ

Os escritores contam suas histórias na escola

A visita ao 5º Salão do Livro para Crianças e Jovens da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, realizada no dia 19 de setembro de 2003, foi uma atividade extraclasse coordenada pela professora de Língua Portuguesa das turmas de 6ª e 7ª séries da SECM – Sociedade de Ensino de Cachoeiras de Macacu / SEPMA – Sociedade Educacional Professora Maria Antônia, sob autorização da Orientadora Educacional, que obteve resultados muito satisfatórios, pois as atividades realizadas a partir dessa visita foram abraçadas pelos alunos e aprovadas por professores de outras áreas, pelos pais e, por extensão, pela comunidade.

Ao primeiro reencontro entre professora e alunos que participaram da visita, foi promovido um debate apreciativo da mesma, com a intenção de avaliar o evento como um todo. Impecável! Foi a primeira palavra pronunciada na turma. Diante do entusiasmo demonstrado, a professora mencionou a possibilidade de elaboração de um trabalho criado pela própria turma, tendo em vista a importância da leitura compartilhada. Houve aceitação imediata.

Os primeiros passos, então, foram tomados: a turma foi dividida em duplas para a criação de propostas de trabalho; criadas as sugestões, em debate aberto, foram apresentadas para análise, eleição e/ou junção de idéias; eleita a proposta, houve divisão de funções, e iniciaram-se as tarefas.

A turma Os Escritores promoveu a I Feira de Contação de Histórias na Escola, com o objetivo de convidar à leitura os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A turma Os Escritores incorporou a figura de seus autores preferidos, elegendo quatro de seus componentes como os melhores contadores de histórias e caracterizando-os – os demais ficaram incumbidos de tomar a linha de frente na

organização e na administração da atividade. Entre os autores sugeridos pela turma, foram escolhidos para representação: Ana Maria Machado, Monteiro Lobato, Pedro Bandeira e Ruth Rocha.

Na primeira semana (de 22 a 26 de setembro) os alunos reuniram obras diversas do autor escolhido. Foram selecionados para leitura os seguintes títulos: *Bisa Bia Bisa Bel*, *História meio ao contrário*, e *Sonhos de uma noite de verão* (Adaptação) – de Ana Maria Machado; *Histórias de Tia Nastácia*, *O casamento da Emília* e *Viagem ao céu* – de Monteiro Lobato; *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O pequeno Pode Tudo*, *Rosaflor e a Moura Torta* – de Pedro Bandeira; *A história do livro*, *A máquina maluca* e *Marcelo, Marmelo, Martelo* – de Ruth Rocha.

Após a seleção e cumprido o prazo estipulado para preparação da história lida, entre os dias 29 de setembro e 03 de outubro, os encontros com a professora de Língua Portuguesa foram realizados na Sala de Leitura da Escola. Nesse ambiente, cada aluno tinha seu momento de contar para o grupo uma das histórias do autor escolhido.

Ao final de cada aula, professora e alunos faziam apontamentos que julgavam necessários para aperfeiçoar a apresentação, tais como: delimitação do tempo de contação da história, correção vocabular, seqüencialidade da narrativa oral, atenção ao mostrar a obra aos ouvintes com o objetivo de garantir a visibilidade – reservando, contudo, as idiosincrasias dos contadores.

No último dos quatro encontros destinados às atividades preparatórias, cada aluno estilizou-se com figurino e maquiagem de maneira que obtivesse aparência mais próxima da imagem do autor que pretendia representar. Foi, então, considerada pronta a primeira etapa do trabalho proposto pela turma.

Entre os dias 06 e 10 de outubro, realizou-se a segunda parte da proposta (organização e decoração do espaço, a divulgação, bem como o acerto da data e do tempo de duração do evento), apoiada pela professora de Artes, a qual dirigiu os trabalhos com os integrantes

da turma. Os alunos organizadores assumiram, ainda, a função de recepcionar o público.

Foram dispostas, no pátio da Escola, quatro tendas – uma para cada aluno – com “paredes” de TNT decoradas com pintura livre dos alunos e imagens de fotos dos respectivos autores. Nos interiores das tendas, cinco almofadas em formato de livro contribuíam para a acomodação dos visitantes.

Numa quinta tenda, aberta para visitação livre, foram dispostos outros livros dos autores escolhidos e outros que compunham a Biblioteca da Escola e as particulares dos alunos organizadores do evento.

A I Feira de Contação de Histórias realizou-se no dia 13 de outubro de 2003, das 14 h às 16 h, como abertura do Projeto Semana da Criança, elaborado pelos Docentes desta Unidade de Ensino, com supervisão e apoio dos Orientadores Educacional e Pedagógico.

O projeto d’Os Escritores visava atender, inicialmente, ao público de C.A. à 4ª série do Ensino Fundamental da própria Comunidade Escolar. Entretanto, o considerável sucesso motivou a turma a receber, num segundo momento, alunos de outras Unidades de Ensino Particular.

Para tornar possível a proposta feita pela Direção da Escola, os alunos mobilizaram-se na confecção de convites e montagem de propagandas de divulgação da atividade oferecida. O trabalho foi aberto à visitação externa no dia 17 de outubro de 2003, em dois turnos: o primeiro, das 9 h às 11 h; e o segundo das 14 h às 16 h. O sucesso foi repetido.

Concurso Nossa Leitura do 5º Salão do Livro da FNLIJ

Dados da escola participante:

SECM – SOCIEDADE DE ENSINO DE CACHOEIRAS DE MACACU / SEPMA – SOCIEDADE EDUCACIONAL PROFESSORA MARIA ANTÔNIA

Turma participante:

6º e 7º séries do Ensino Fundamental

Professora participante:

Cláudia Regina do Nascimento, professora do Ensino Fundamental, licenciada em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia. Cláudia Regina desenvolve nas escolas projetos de Literatura Infantil e Juvenil, Artes Plásticas, Música, Teatro, Dança, História da Arte.



Os alunos do SEPMA num encontro com Júlio Emílio Braz, autor de livros de literatura para crianças e jovens, na Biblioteca Jovem do 5º Salão do Livro da FNLIJ.

**6º SALÃO DO LIVRO FNLIJ
PARA CRIANÇAS E JOVENS****6º Salão do Livro
FNLIJ para
Crianças e Jovens:**

**De 16 a 26
de setembro,
no MAM,
no Rio de Janeiro!**

29º Congresso do IBBY

O 29º Congresso do IBBY será realizado na Cidade do Cabo, África do Sul, de 5 a 9 de setembro de 2004. Como seção brasileira do IBBY, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil convoca autores, editores, professores, jornalistas, especialistas em literatura de todo o país para participar deste evento, o mais importante para todos que fazem parte da organização – a “família IBBY”. No 29º Congresso do IBBY, nas conferências, mesas-redondas, seminários e em todos os outros eventos serão discutidas temáticas relevantes, como essas, entre outras:

Textos em diferentes línguas – um caminho na direção de uma sociedade multilíngüe?; O impacto da tradição oral na literatura infantil contemporânea; A fantasia através do mundo – Como crianças de diferentes culturas respondem, por exemplo, ao fantástico e ao má-

gico?; Contar histórias pode ajudar às crianças traumatizadas e órfãs pela guerra, fome e epidemia da Aids?; Qual é o verdadeiro significado de literatura “multicultural” em um mundo cada vez mais dividido?; Violência, guerra e preconceito como temas nos livros infantis.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Lygia Bojunga, CBL, Cia. das Letrinhas, Cosac & Naify, Cuca Fresca Edições, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editora Biruta, Editora do Brasil, Editora Franco, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Florescer, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Lucerna, L&PM Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Paulinas, Paulus, Pinakothke Artes, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHJ, Rocco, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Stúdio Nobel, Thex Editora.

EXPEDIENTE • Fotelito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani e Claudia Pinto • Diagramação: Arco

GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, Sônia Machado. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz e Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lília Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Feltre, Rogério Andrade Barbosa. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: (0XX)-21-2262-9130
e-mail: fnlij@alternex.com.br
home page: www.fnlij.org.br

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br